

Micro-História e Psicanálise: Ginzburg discute o caso clínico *Homem dos Lobos* de Sigmund Freud

Roger Marcelo Martins Gomes¹

Resumo

Em busca da relação profícua entre Psicanálise e História, procura-se, neste artigo avaliar como Carlo Ginzburg, em sua trajetória intelectual e acadêmica, discutiu Freud e a Psicanálise à luz da Micro-História. Para tanto, a obra de Ginzburg *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* tornou-se um manancial para esta busca. Nos capítulos *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* e, principalmente, *Freud, o homem dos lobos e os lobisomens*, Ginzburg discute criticamente as interpretações de Freud sobre o seu caso clínico mais importante, um paciente russo de nome Serguei Constantinovitch Pankejeff (1887-1979), conhecido como *O Homem dos Lobos*. Ginzburg não deixa de reconhecer a magnitude da obra de Freud, mas aponta suas limitações como não considerar suficientemente a formação cultural de seu paciente e dar um enfoque maior a individualização. Ginzburg permitiu, ainda, demonstrar em sua obra a importância da Psicanálise na elaboração do conceito fundamental à Micro-História, o paradigma indiciário.

Palavras-chave

Micro-História; Psicanálise; Carlo Ginzburg; Homem dos Lobos

Micro-History and Psychoanalysis: Ginzburg discusses the clinical case of the Wolf man of Sigmund Freud

Abstract

In search of a fruitful relationship between Psychoanalysis and History, this article aims to evaluate how Carlo Ginzburg, throughout his intellectual and academic career, discussed Psychoanalysis in the light of Micro-History. Thus, the work of Ginzburg *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* was a rich source for this search. In the chapters *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* and, especially, *Freud, o homem dos lobos e os lobisomens*, Ginzburg critically discusses Freud's interpretations on his most important clinical case, a Russian patient named Serguei Constantinovitch Pankejeff (1887-1979), known as the Wolf man. Ginzburg recognizes the magnitude of Freud's work, but he shows its limitations indicating that the author did not sufficiently consider his patient's cultural background and gave a greater

¹ Centro de Ciências Humanas, História, Unisagrado, Bauru, São Paulo, Brasil. ✉ roger.monsarros@gmail.com

focus on individuation. Also, Ginzburg allowed demonstrating in his work the importance of Psychoanalysis in the development of the evidentiary paradigm concept, which is fundamental to Micro-history.

Keywords

Micro-history; Psychoanalysis; Carlo Ginzburg; Wolf man

“A voz que objeta dentro de mim nunca é a que me criticou publicamente”

Carlo Ginzburg

História e Psicanálise

Na segunda metade do século XX a produção historiográfica intensificou-se em diversos campos, o estudo sobre a História das Ciências, História da Saúde, História das Doenças, História da Psiquiatria tornou-se lugar comum para muitos historiadores e pesquisadores. Na esteira desta expansão historiográfica o universo mental dos seres humanos, seu modo de sentir, imaginar e sonhar tornou-se objeto de estudo e pesquisa em várias correntes historiográficas. Às modalidades tradicionais de historiografia como História Política, História Econômica e História Social, os novos historiadores lançaram a História das Mentalidades, a Psico-História e a História do Imaginário.² O debate sobre a intersecção da História com outras áreas também passou a ser pauta destes novos historiadores, a Psicanálise, por exemplo, tornou-se um manancial teórico e metodológico polêmico, porém instigante para a História das Mentalidades, a Psico-História e a História do Imaginário.

A interface entre História e Psicanálise traz à cena um antigo e difícil relacionamento entre os historiadores e os psicanalistas a respeito dos pontos de vista respectivos a cada disciplina e sobre a possibilidade de interlocução entre eles. Muitos historiadores têm relutado em discutir o lugar do universo mental para sua disciplina, mais ainda a partir do momento em que a psicanálise se insinuou como um guia possível para as mentes do passado.³

No senso comum e mesmo entre os próprios historiadores esta interface é tida como impraticável, pois a História e sua escrita operam de forma objetiva, com evidência palpável de fatos coletivos, documentos e registros, enquanto a Psicanálise trabalha no domínio da subjetividade, volta-se para o indivíduo e está envolvida no presente vivido.⁴ É uma perspectiva estreita e parcial de ver os dois campos por não perceber o diálogo que se dá entre História e Psicanálise, especialmente no que se refere à concepção de tempo e memória, apesar de suas especificidades.⁵ Carlo Ginzburg, por exemplo, em sua trajetória historiográfica, buscou, a partir de uma avaliação crítica à Psicanálise, elementos para a construção de seu paradigma de um “saber indiciário”, um método de conhecimento cujo ponto de partida está na observação do detalhe, do pormenor revelador.

² José D’Assunção Barros, “Imaginário, Mentalidades e Psico-História – uma discussão historiográfica,” *Revista Labirinto* 17, UNIR (Dezembro 2005): 2.

³ Peter Gay, *Freud para historiadores* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989), 25.

⁴ Célia Szniter Mentlik, “História e Psicanálise: Temas e Trajetórias possíveis,” in *Anais do XVIII Encontro Regional da ANPUH: O Historiador e seu Tempo*, org. Antonio Celso Ferreira, Holien Gonçalves Bezerra & Tania Regina de Luca (São Paulo: Editora Unesp, 2006), 1-7.

⁵ Michel de Certeau, *História e psicanálise: entre ciência e ficção* (Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011), 73.

Diversos outros historiadores⁶ demonstraram de maneira mais profícua a relação História e Psicanálise. Michel de Certeau, em *A Escrita da História*, referência em muitos trabalhos e pesquisas historiográficas, trouxe ao debate as contribuições da Psicanálise. Na quarta parte deste livro, dedicada aos escritos freudianos, Michel de Certeau valorizou a interface Psicanálise/História. O capítulo VIII da quarta parte *O que Freud fez da História – A propósito de uma Neurose Demoníaca no século XVII* e o capítulo IX *Ficção da História – A escrita de Moisés e o Monoteísmo*, valorizaram a escrita freudiana, o que permite, segundo este autor, revelar as incursões de Freud na região histórica de sua cultura.⁷

Carlo Ginzburg, em dois capítulos de sua obra *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, também fez incursões pelo mundo da Psicanálise. No quinto capítulo, *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*, o autor mostrou um modelo epistemológico que sai da contraposição “racionalismo” e “irracionalismo” e, privilegiadamente, no último capítulo, *Freud, O Homem dos Lobos e os Lobisomens*, relê um célebre caso de Freud à luz da análise morfológica e histórica, permitindo ao leitor uma aventura intelectual enriquecedora. Demonstrar como Carlo Ginzburg fez suas incursões pelo mundo da Psicanálise, a partir de sua discussão sobre o principal e mais conhecido caso clínico de Sigmund Freud, *O Homem dos Lobos*, torna-se o principal objetivo deste artigo. Intenta-se, assim, compreender como o autor fabrica seu gênero historiográfico, a micro-história, na intersecção com a psicanálise.

Micro-História: as contribuições de Ginzburg

Classificada como uma forma de abordagem, a micro-história, inicialmente discutia métodos e procedimentos da história social. Fortemente discutida na França, esta metodologia surgiu na Itália, na *Facoltà di Economia e Commercio da Università di Urbino*, na cidade de Ancona, quando fundaram uma revista acadêmica denominada *Quaderni Storici*, em 1966, em que apareceram as primeiras discussões sobre micro-história. A repercussão e o reconhecimento que a revista adquiriu foram crescentes após sua fundação, nos anos 1980. Posteriormente, foi possível a edição da coleção *Microestorie* sob a direção de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi que despertou o interesse pela micro-história na Europa, Estados Unidos e Brasil. A micro-história pretende ser a reconstrução de momentos, de situações, de pessoas que, investigadas com olho analítico, em âmbito circunscrito, recuperam um peso e uma cor.⁸

A micro-história não pode ser confundida como uma escola historiográfica, é um método que está relacionado em primeiro lugar aos procedimentos reais detalhados que constituem o trabalho do historiador.⁹ É uma abordagem que possui algumas características básicas que podem ser assim enumeradas: a delimitação temática específica, a pluri e interdisciplinaridade e o interesse pela cultura popular, isto é, interesse por aquilo que vem a partir das classes subalternas e desconhecidas. A micro-história não é apenas uma alternativa

⁶ Como exemplo podemos citar autores que em suas obras tratam diretamente da interface entre História e Psicanálise ou a subjetividade e sociedade, como: François Dosse; Michele Bertrand; Bernard Doray; Pierre Nora; Jacques Revel; Lucien Febvre; Marc Bloch; Alain Besançon; Paul Ricoeur.

⁷ Michel de Certeau, *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense, 2011), 308.

⁸ Giovanni Levi. “Prefácio,” in *Exercícios de micro-história*, ed. Mônica Riberio (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009): 13-14.

⁹ Giovanni Levi, “Sobre Micro-História,” in *A Escrita da história: novas perspectivas*, ed. Peter Burke (São Paulo: Editora da Unesp, 1992): 135.

à macro-história social ainda fortemente dominante. A micro-história permite trabalhar ao mesmo tempo em diversas escalas para obter uma ou antes imagens mais complexas da realidade histórica.¹⁰

A delimitação temática específica pela micro-história é muito mais que fazer um recorte temporal e espacial, é saber fazer uma delimitação precisa e bem definida do tema de pesquisa. Num território próximo e complementar da história cultural e das sensibilidades, a micro-história quer também ser uma abordagem pluridisciplinar (sociologia, antropologia, história), conquistadora e aberta.¹¹ Os micro-historiadores possuem a consciência da sua pluralidade metodológica e não medem esforços para mostrar os aspectos positivos desta característica; para eles, há uma necessidade patente de relacionar a história com outras disciplinas. Sem dúvida, a disciplina eleita para os primeiros estudos interdisciplinares foi a Antropologia, mas outras ciências foram adquirindo o seu espaço, como a Psicanálise. Numa relação interdisciplinar, perde forças a análise da história apenas como uma sucessão temporal, uma vez que esta relação visa de forma mais rica os infinitos pormenores dentro de um sistema.

A micro-história tem como objetivo principal a observação de componentes miúdos no interior das relações sociais e busca diminuir a escala de observação e análise do objeto pesquisado. Para Gianni Levi (1992), na micro-história a redução da escala é um procedimento analítico que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado. Ao problematizar a proposta baseada na escala Levi faz a seguinte advertência:

“A micro-história como prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental. Essa definição já suscita possíveis ambiguidades: não é simplesmente uma questão de chamar a atenção para as causas e os efeitos do fato, de dimensões diferentes coexistirem em cada sistema social; em outras palavras, o problema de descrever vastas estruturas sociais complexas, sem perder a visão da escala do espaço social do indivíduo, e a partir daí, do povo e de sua situação na vida.”¹²

Esta visão do espaço social do indivíduo, do povo e de sua situação de vida indica uma terceira característica da micro-história, o interesse pelas classes subalternas, populares e muitas vezes desconhecidas. A ambição dos micro-historiadores consiste em levar em conta a vivência dos indivíduos, estando suas práticas sociais e culturais em parte determinadas pelas estratégias dos atores da história.¹³ Ginzburg, por exemplo, no último capítulo de *Mitos, emblemas, sinais*, traz a história de um indivíduo a partir do olhar de Freud, criativamente demonstra a visão de espaço social e situação de vida não de um, mas dois indivíduos: o analista e o paciente. Aponta criticamente como Freud desconsiderava a cultura de seu paciente e valorizava os aspectos individuais. Entretanto, Ginzburg (1987) não descarta o

¹⁰ Philippe Tétart, *Pequena história dos historiadores* (Bauru: EDUSC, 2000), 146.

¹¹ Ibid.

¹² Levi, 136-137.

¹³ Philippe Tétart, *Pequena história dos historiadores* (Bauru: EDUSC, 2000), 147

valor deste aspecto e afirma que reconhecer as massas indistintas é reconhecer também as personalidades individuais e descartar estas últimas seria absurdo, pois não é objetivo de pouca importância estender às classes mais baixas o conceito histórico de indivíduo.¹⁴

As três características da micro-história – delimitação específica do tema, a pluri e interdisciplinaridade e o interesse pela cultura popular – demonstram uma abertura metodológica que permite uma pluralidade de abordagens aos micro-historiadores. Mas, é com as contribuições de Carlo Ginzburg que a micro-história adquire um grande prestígio e credibilidade entre os historiadores.

Conhecido como um dos pioneiros no estudo da micro-história, Carlo Ginzburg, historiador italiano, nascido de uma família judia, teve desde a infância uma vida envolta por uma atmosfera acadêmica e intelectual. Filho do professor e tradutor Leone Ginzburg e da romancista Natalia Ginzburg, graduou-se na Escola Normal Superior de Pisa e especializou-se no Instituto Warburg de Londres. Na vida profissional foi um respeitado professor de História Moderna na Universidade de Bolonha, Harvard, Yale e Princeton e, na Universidade da Califórnia lecionou a História do Renascimento Italiano. De volta para a Itália, desde 2006, ocupa na Escola Normal Superior de Pisa a cadeira de História Cultural europeia. Um dos mais conhecidos e respeitados historiadores da atualidade, Carlo Ginzburg teve seu mérito por fazer uma história que deu voz aos sujeitos históricos desconhecidos na medida em que estudava as atitudes e crenças religiosas populares.¹⁵

Em Ginzburg não se encontram apenas as três características comuns entre os micro-historiadores, a diferença está nos conceitos e metodologias que desenvolveu. Contribuição revolucionária e de grande difusão devido ao seu ecletismo e interdisciplinaridade, Ginzburg trouxe importantes conceitos e metodologias para a micro-história. Indubitavelmente, a ideia de “circularidade da cultura” e “paradigma indiciário” foram fundamentais para o enriquecimento da micro-história.

Partindo das ideias de Mikhail Bakhtin, Ginzburg (1987) refuta a concepção tradicional e maniqueísta de cultura erudita e cultura popular, propondo a “circularidade da cultura”. Em sua obra seminal, *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*, Ginzburg demonstra a vida de um homem simples e humilde que longe de ser uma pessoa erudita e intelectual, estava cheio de ideias tradicionais a outros grupos, sem ter tido contato direto com eles. A “circularidade da cultura” desdobra-se a partir da ideia de “paradigma indiciário” que vinha em construção desde os anos 1960.

O “paradigma indiciário” é um método detetivesco à História, que se assemelha ao trabalho do crítico de arte Giovanni Morelli, à astúcia investigativa de Sherlock Holmes de Conan Doyle e à psicanálise de Sigmund Freud, estes, em suas análises, partem de indícios para chegar às suas conclusões. Normalmente, esses advêm da sabedoria popular, como a de um trabalhador, um camponês, um moleiro e entre tantos outros sujeitos históricos. O “paradigma indiciário”, advindo da sabedoria popular, naturalmente, contrapõe-se às

¹⁴ Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987), 26.

¹⁵ Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, *As muitas faces da história. Nove entrevistas* (São Paulo: Editora UNESP, 2000), 269.

epistemologias clássicas como o positivismo, o marxismo e o funcionalismo. O que importa neste método é evidenciar o que foi ignorado devido à aparente insignificância. Não se trata de uma avaliação sistemática e reveladora do que o autor da obra queira demonstrar, trata-se de uma leitura que busque a sutileza, aquilo que está silenciosamente ocultado. Fazer como Freud, que nas suas sessões de psicanálise se fixava nos sonhos e atos falhos de seus pacientes para descobrir a origem de suas neuroses e não aquilo que ele manifestava explicitamente.¹⁶

Em *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história* de 1986, Ginzburg consolida a ideia de “circularidade da cultura” e principalmente de “paradigma indiciário”. Esta obra reúne ensaios que Ginzburg escreveu entre 1961 e 1986, que valorizam a erudição no seu ofício de historiador. Tal obra representa na historiografia contemporânea um momento raro, pois contribui para caminhos, propostas metodológicas e reflexões novas.

Mitos, emblemas e sinais

Os ensaios que compõem a obra *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* permitem compreender a trajetória intelectual de Carlo Ginzburg e as motivações que levaram conceber os clássicos – *Os andarilhos de bem* e *O queijo e os vermes*. Como estes *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história* é também um livro clássico, até porque extremamente provocador: desmonta mitos, contesta certezas e estremece muitas verdades. O mais instigante nesta obra é a possibilidade de discutir o lugar social, as práticas e a dimensão própria à escrita de Ginzburg na sua produção historiográfica, ou seja, é possível conhecer Ginzburg quando exerce seu ofício de historiador. Ele próprio, no Prefácio de *Mitos, emblemas, sinais*, justifica os critérios de escolha dos textos e o lugar em que estes nasceram.¹⁷

De forma parcialmente autobiográfica, o autor permite compreender a dimensão de sua própria escrita quando demonstra as suas escolhas intelectuais desde a década de 1950. Ainda sem pensar em ser historiador, Ginzburg dedicava-se aos textos literários. Dostoiévski e Kafka foram lidos ao lado de Lukács e, posteriormente, em suas escolhas intelectuais relativamente autônomas (sem interferência familiar), leu Croce, Gramsci, Spitzer, Auerbach, Contini, autores apresentados pela famosa revista italiana *Officina*, pela qual também conheceu o famoso diretor Pasolini. Ginzburg tinha clareza de como este cenário influenciou suas pesquisas, no Prefácio de *Mitos, emblemas, sinais*, afirmou: “hoje, porém, vejo claramente que o entrelaçamento de populismo e crítica estilística, típico da cultura italiana no final dos anos 50, constitui o pano de fundo de minhas primeiras pesquisas, a começar pelo ensaio “Feitiçaria e piedade popular”.¹⁸

Posteriormente, este pano de fundo foi enriquecido no encontro com outras pessoas e novos livros. Deixava claro que a hermenêutica aplicada aos textos literários e o gosto pelo detalhe revelador orientaria todo seu trabalho em construção. Dedicou-se por 25 anos ao estudo da feitiçaria, por entender que era um tema fecundo e pouco aceito. Foi influenciado pela leitura do *Mundo Mágico* de De Martino, que permitiu superar o problema racionalismo e irracionalismo que o instigava tanto. Nesta época, formulou hipóteses, por exemplo: a

¹⁶ Carlo Ginzburg, *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (São Paulo: Companhia da Letras, 1989), 145.

¹⁷ *Ibid.*, 7.

¹⁸ *Ibid.*, 8.

feitizaria como um embate entre culturas diferentes. A leitura dos *Reis Taumaturgos* de Marc Bloch permitiu optar por uma comparação histórica e o encontro com os ensaios de Levi-Strauss levou-o a formas literariamente diferentes, abstratas e diagramáticas para a apresentação de sua pesquisa.

Nos anos 60, membro do Instituto Warburg de Londres, Ginzburg começou a refletir sobre os testemunhos como fonte histórica, pois o fato de uma fonte não ser objetiva não significa que seja inutilizável. Uma crônica hostil pode fornecer testemunhos preciosos sobre o comportamento de uma comunidade em revolta.¹⁹ Refletia sobre as formas e sobre as categorias de caráter antropológico em realidades culturais diversas. Deixava os fenômenos tipológicos e buscava os fenômenos negligenciáveis que exigiam novos instrumentos de observação e escalas de investigação. Para validar a sua nova análise, de tipo microscópico, Ginzburg apontava as suas influências nesta época:

“De início, eu me propusera a justificar indiretamente meu modo de trabalho, construindo uma genealogia intelectual privada, que antes de mais nada contivesse um pequeno número de livros que julgava terem me marcado de modo particularmente profundo: os ensaios de Spitzer, *Mimesis* de Auerbach, *Mínima moralia* de Adorno, a *Psicopatologia da vida cotidiana* de Freud, *Os reis taumaturgos* de Bloch.”²⁰

Posteriormente, nos anos 70, retomava os problemas surgidos em andarilhos do bem e dedicava-se aos estudos sobre o sabá; persistia nesta época o seu dilema entre análises formais e investigação histórica. Mas, o seu encantamento pela postura morfológica de Morelli colaboraria para *Sinais*. Longhi, Propp, Wittengenstein e Goethe influenciaram Ginzburg em sua defesa sobre a análise morfológica como um instrumento útil para a investigação histórica. Mas, nos anos 80, Ginzburg tinha consciência sobre os cuidados que deveria tomar frente a esta análise:

“No caso da minha pesquisa em curso sobre o sabá, a integração da morfologia a uma reconstrução histórica é apenas uma aspiração irrealizável. Mas, o modo como o próprio Propp nas *Raízes históricas* (um grande livro apesar de seus defeitos) preencheu as inevitáveis lacunas da documentação, com uma série de lugares-comuns inspirados num rígido evolucionismo, permite entender os riscos de um tal empreendimento.”²¹

É pela associação com Morelli que Ginzburg traz a psicanálise para compor os seus estudos sobre os indícios. Ginzburg explica que Freud reconhecia a influência intelectual de Morelli sobre sua obra, mesmo antes da descoberta da psicanálise. No capítulo *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, demonstra com desenvoltura conhecimento sobre Freud e trata, primeiramente, como a influência de Morelli foi negligenciada na obra de Freud pelos estudiosos. Em seguida, Ginzburg determina o momento em que ocorreu a leitura dos textos de Morelli por Freud para, por último, entender o que Freud extraiu desta leitura.

¹⁹ Ginzburg, *O queijo e os vermes*, 21.

²⁰ Ginzburg, *Mitos, emblemas, sinais*, 10.

²¹ *Ibid.*, 14.

O que Ginzburg fez na verdade foi buscar o limite das influências e correspondências do pensamento de Morelli em Freud e destes em sua própria proposta, isto é, o quanto influenciaram para a construção de seu “paradigma indiciário” nas investigações históricas. Demonstrar como a estratégia dos indícios para uma investigação tem um longo percurso, Ginzburg partiu dos estudos do historiador de arte alemão Edgar Wind sobre a influência do método de Morelli em Freud e o interesse dos estudiosos pela obra de Freud *O Moisés de Michelangelo* (1914), que evidencia esta influência:

“Muito antes de ter tido qualquer oportunidade de ouvir falar em psicanálise, soube que um conhecedor de arte russo, Ivan Lermolieff, provocara uma revolução nas galerias de arte da Europa colocando em dúvida a autoria de muitos quadros, mostrando como distinguir com certeza as cópias dos originais e criando artistas hipotéticos para obras cuja suposição anterior de autoria fora desacreditada. Conseguiu isso insistindo em que a atenção deveria ser desviada da impressão geral e das características principais de um quadro, dando-se ênfase à significação de detalhes de menor importância, como o desenho das unhas, do lóbulo de uma orelha, de auréolas e de outras trivialidades não consideradas que o copista desdenha imitar e que, no entanto, cada artista executa à sua maneira própria e característica. Fiquei então extremamente interessado ao descobrir que o pseudônimo russo ocultava a identidade de um médico italiano chamado Morelli, que morrera em 1891 como Senador do Reino da Itália. Parece-me que seu método de investigação tem estreita relação com a técnica da psicanálise que também está acostumada a adivinhar coisas secretas e ocultas a partir de aspectos menosprezados ou inobservados, do monte de lixo, por assim dizer, de nossas observações.”²²

Este parágrafo de *Moisés de Michelangelo* demonstra, portanto, a conexão do método de Morelli na história da formação da psicanálise. Uma conexão comprovada e que contribuiu para a consolidação desta. Ginzburg vai mais a fundo quando determina os momentos em que se deu o encontro entre Freud e as obras de Morelli. A primeira vez seria, provavelmente, entre 1883 a 1895, ano da publicação dos *Estudos sobre histeria* Freud e Breuer, ou 1896, quando Freud usou pela primeira vez o termo psicanálise.²³ Neste primeiro momento, há uma carta de Freud à noiva sobre a sua descoberta da pintura quando visitou a galeria de Dresden. Não por acaso os primeiros ensaios de Morelli referiam-se às obras de mestres italianos nas galerias de Dresden, Munique e Berlim.²⁴ A segunda vez é datável com maior precisão, setembro de 1898, momento em que Freud conhecera a verdadeira identidade do famoso autor que lhe interessava muito numa livraria de Milão, Ivan Lermolieff, cuja identidade verdadeira era na verdade Giovanni Morelli. Neste momento, a obra de Morelli tinha mais um outro motivo de interesse para Freud, pois viria ao encontro de seus estudos sobre os lapsos para sua teoria.²⁵

²² Sigmund Freud, “O Moisés de Michelangelo” in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, XIII, org. J. Salomão (Rio de Janeiro: Imago, 1980): 249-278.

²³ Ginzburg, *Mitos, emblemas, sinais*, 148.

²⁴ *Ibid.*, 149.

²⁵ *Ibid.*

O que Ginzburg ressaltou de importante quanto à leitura da obra de Morelli por Freud é a proposta de um método interpretativo centrado no detalhe considerado revelador, nos resíduos, no minúsculo e nos dados marginais. Desse modo, pormenores considerados sem importância, ou até triviais, “baixos”, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano.²⁶ Segundo ele, os dados marginais e detalhes eram reveladores porque dariam ao artista condições de se distender da tradição cultural em que vivia e cederia lugar a traços puramente individuais, isto é, daria vazão ao núcleo íntimo da individualidade artística sem o controle da consciência e tradição cultural.

Ainda Ginzburg faz uma breve explicação da convergência dos procedimentos de Sherlock Holmes e os de Freud. Afirma que os interesse e admiração de Freud pela obra de Arthur Conan Doyle deram-se na primavera de 1913. E o interessante na tripla analogia Freud-Holmes-Morelli demonstrada por Ginzburg vai além da semelhança entre sintomas para Freud, indícios para Holmes e signos pictóricos para Morelli. Para ele, o que explica esta analogia está surpreendentemente na formação de Freud, Conan Doyle e Morelli, já que ambos eram médicos e foram fortemente influenciados pela semiótica médica. Nos três casos entrevê-se o modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base dos sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos leigos.²⁷ Mas, Ginzburg reiterou que não havia simples coincidências biográficas, o que deu sentido a esta proximidade era o processo que começava se afirmar no final do século XIX entre as ciências humanas – um paradigma indiciário firmado na semiótica que teria suas raízes muito mais profundas e distantes no tempo.

Identificada a importância de Freud-Holmes-Morelli em *Sinais*, Ginzburg fez uma busca no passado mais longínquo sobre a origem do paradigma indiciário, desde quando o homem fora caçador na pré-história até o século XIX, para concluir este capítulo de *Mitos, emblemas, sinais* com as características do paradigma indiciário. Mas, qual seria o momento mais rico desta obra no qual seria possível verificar as intersecções da psicanálise com a micro-história? Sem dúvida, esta intersecção está contemplada no último e privilegiado capítulo *Freud, o homem dos lobos e os lobisomens*.

Freud, o homem dos lobos e os lobisomens

Na obra *Mitos, Emblemas e Sinais* Ginzburg não apenas priorizou os temas advindos da história da arte e história da cultura popular como deu lugar de destaque à psicanálise. De maneira instigante, Ginzburg reconhece, no último capítulo desta obra, *Freud, o Homem dos Lobos e os Lobisomens*, o valor da obra e da análise de Freud, mas não deixa de mostrar certas limitações no que avaliava do seu paciente Serguei conhecido no meio psicanalítico como *O Homem dos Lobos*. Para Ginzburg, Freud poderia ter se atentado mais à cultura russa de seu paciente, pois haveria encontrado respostas a algumas questões feitas a este paciente. O contexto cultural de onde brotara era, assim, ignorado: sobrava apenas a experiência individual, reconstruída através do reticulado de associações induzidas pelo analista.²⁸ A reflexão proposta por Ginzburg sobre o caso *O Homem dos Lobos* incorre, portanto, numa

²⁶ Ibid., 150.

²⁷ Ibid., 151.

²⁸ Ibid., 210.

crítica aos equívocos de Freud por não avaliar profundamente a cultura eslava da época e deixar escapar aspectos e detalhes importantes desta para compor o caso clínico *O Homem dos Lobos*.

Narrativa envolvente, a *História de uma neurose infantil*,²⁹ mais conhecida como *O Homem dos Lobos*, foi comentada por diversos autores, várias escolas psicanalíticas e, curiosamente, pelo próprio autor/paciente. A análise que Freud faz deste caso fornece conceitos para a sua teoria psicanalítica. Logo no capítulo I *Observações Introdutórias* é possível identificar o valor dado a este caso:

“O caso que me proponho relatar nas páginas que se seguem (uma vez mais apenas de maneira fragmentária) caracteriza-se por uma série de peculiaridades que exigem ser enfatizadas antes que proceda a uma descrição dos próprios fatos. Diz respeito a um jovem cuja saúde se abalara aos dezoito anos, depois de uma gonorreia infecciosa, e que se encontrava inteiramente incapacitado e dependente de outras pessoas quando iniciou o seu tratamento psicanalítico, vários anos depois. Tivera uma vida mais ou menos normal durante os dez anos que precederam a data de sua doença e cumpriu os estudos da escola secundária sem muitos problemas. Seus primeiros anos de vida havia, contudo, sido dominados por um grave distúrbio neurótico, que começou imediatamente antes de seu quarto aniversário, uma histeria de angústia (na forma de uma fobia animal), que se transformou então numa neurose obsessiva de conteúdo religioso e perdurou, com as suas manifestações, até os dez anos.”³⁰

Freud contextualizava bem as razões para reescrever este caso clínico já publicado anteriormente. O problema das divergências e possíveis dissidências dentro do Movimento Psicanalítico faziam Freud reafirmar suas ideias, assim como era preocupação de Freud o que afligia a população europeia em 1914 e interferia em seus estudos, a Primeira Guerra Mundial:

“Este caso clínico foi escrito logo após a conclusão do tratamento, no inverno de 1914-15. Nessa época eu estava ainda sob impressão recente das reinterpretações torcidas que C. G. Jung e Alfred Adler se empenhavam para dar às descobertas da psicanálise. Este artigo está, portanto, ligado ao meu ensaio ‘A História do Movimento Psicanalítico’, que foi publicado no *Jahrbuch Psychoanalyse* em 1914. Complementa a polêmica contida naquele ensaio, que é, na sua essência, de caráter pessoal, por uma estimativa objetiva do material clínico. Destinava-se originalmente ao volume seguinte do *Jahrbuch* cuja aparição foi, no entanto, adiada indefinidamente devido aos obstáculos surgidos com a [primeira] grande guerra.”³¹

²⁹ Parte do volume XVII da clássica obra de Freud, no Brasil publicada pela Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

³⁰ Freud, “O Moisés de Michelangelo,” 19.

³¹ Ibid.

Foi num clima efervescente do Império Austro-Húngaro em 1910 que se deu o encontro entre Freud e Serguei, o que permitiria progressos nos seus estudos sobre neurose infantil. Ao encontrá-lo, Freud critica ironicamente todos os tratamentos anteriores e os distúrbios intestinais que Serguei Constantinovitch Pankejeff apresentava naquele momento. Apesar de inicialmente haver uma violenta transferência negativa, a relação que se formou entre os dois foi de admiração recíproca, o que para outros estudiosos não foi a realidade como se pode ver logo a frente: “Pela primeira vez, Pankejeff teve a impressão de ser escutado, e não mais tratado como doente. Acima de tudo, manteve com Freud relações quase amistosas e acabou por venerá-lo: no fim do tratamento, Freud tinha muita simpatia por ele”.³²

Este encontro iniciou-se quando aumentavam as tensões entre os Impérios Russo e Austro-Húngaro pelos seus interesses nos Bálcãs. Em janeiro de 1910, Freud iniciou a análise e começou a se preocupar em demonstrar através desse caso que a neurose do adulto estava fundada em uma neurose infantil, e que a sexualidade desempenhava um papel determinante nisso.³³

Apoiando-se nas lembranças de Serguei, Freud traça em seu texto um panorama dos protagonistas de várias cenas de sedução que acaba despertando o sonho de angústia neste paciente. Roudinesco e Plon (1998) afirmam que Freud afastou todos os diagnósticos de melancolia e psicose dos tratamentos anteriores e detectou um caso de histeria de angústia com fobia aos animais que se transformou mais tarde em neurose obsessiva e infantil. Essa conclusão, segundo Freud, foi possível quando Serguei lhe contou um sonho com lobos sentados numa árvore quando tinha aproximadamente quatro ou cinco anos:

“Sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama. (Meu leito tem o pé da cama voltado para a janela: em frente da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando tive o sonho, e de noite.) De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande nogueira em frente da janela. Havia sete ou seis deles. Os lobos eram muito brancos e pareciam-se mais com raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes, como as raposas, e orelhas empinadas, como cães quando prestam atenção a algo. Com grande terror, evidentemente de ser comido pelos lobos, gritei e acordei. Minha babá correu até minha cama, para ver o que me havia acontecido. Levou muito tempo até que me convencesse de que fora apenas um sonho; tivera uma imagem tão clara e vívida da janela a abrir-se e dos lobos sentados na árvore. Por fim acalmei-me, senti-me como se houvesse escapado de algum perigo e voltei a dormir... A única ação no sonho foi a abertura da janela, pois os lobos estavam sentados muito quietos e sem fazer nenhum movimento sobre os ramos da árvore, à direita e à esquerda do tronco, e olhavam para mim. Era como se tivessem fixado toda a atenção sobre mim. – Acho que foi meu primeiro sonho de ansiedade. Tinha três, quatro, ou, no

³² Elisabeth Roudinesco & Michel Plon, *Dicionário de psicanálise* (Rio de Janeiro: Zahar, 1998), 565.

³³ *Ibid.*, 564.

máximo, cinco anos de idade na ocasião. Desde então, até contar onze ou doze anos, sempre tive medo de ver algo terrível em meus sonhos.”³⁴

Momento fundante para construção da teoria da neurose infantil, o sonho dos lobos, contado e desenhado entre outras lembranças relatadas por Serguei, possibilitaram a Freud o avanço de sua teoria. Entre esses fragmentos e o sonho infantil centrado na aparição dos lobos há uma homogeneidade evidente.³⁵ Provavelmente, a passagem pelas crenças folclóricas ligadas aos lobisomens deve-se à ama, a *njanja*, descrita por Freud como mulher devotadíssima e supersticiosa:

“Dela terá sabido quais os poderes extraordinários (não necessariamente negativos) que lhes confere o fato de ter nascido com a coifa. Dela terá ouvido os primeiros contos, antes de ouvir os de Grimm em tradução russa, ligados a governanta inglesa. Também o conto do alfaiate e dos lobos, evocado durante a análise do paciente, que lhe contara o avô (e, quem sabe, também a *njanja*), fazia parte do folclore russo, a ponto de Afanasjev incluí-lo na sua famosa coletânea.”³⁶

Para Ginzburg pareceram improváveis certas coincidências casuais quando se atentou a alguns elementos apresentados por Freud, como o fato de seu paciente ser russo, nascer com coifa e ter nascido no Natal. Em *Andarilhos do Bem*, Ginzburg parte da hipótese de que há um substrato de crenças eslavas comum pela Europa Oriental, que atribuem aos nascidos com coifa poderes excepcionais, como o de se tornar lobisomem e poder ir até o mundo dos mortos.

O instigante no apontamento de Ginzburg é que o sonho do Homem dos lobos possui um caráter iniciático, induzido pelo ambiente cultural. Para este autor, o Homem dos lobos submetido às pressões culturais contraditórias em vez de se tornar o que normalmente se acreditava há séculos, em um lobisomem, passou a ser o neurótico ou psicótico do movimento psicanalítico. Freud, nas análises com seus pacientes vienenses, decifrava bem as referências literárias e considerava os aspectos culturais, mas no caso de seu paciente russo deixou escapar o nexos entre o nascer com coifa e o sonho dos lobos, o que traria consequências sérias do ponto de vista hermenêutico.³⁷

Ginzburg reconheceu a importância da interpretação de Freud, entretanto defendeu que as implicações culturais do nascer com a coifa poderiam integrar implicações psicológicas assumidas na psiquê do paciente. Ginzburg, ainda, discutiu com desenvoltura como Freud constituiu o termo *cena primária*,³⁸ fundamental para a teoria psicanalítica. Ressaltou as oscilações de Freud sobre o significado deste termo quando escrevia ao seu companheiro de estudos Fliess. Ginzburg descreve as duas definições de Freud à *cena primária*, uma de 1897,

³⁴ Freud, “O Moisés de Michelangelo”, 41.

³⁵ Ginzburg, *Mitos, emblemas, sinais*, 209.

³⁶ *Ibid.*, 209.

³⁷ *Ibid.*, 209.

³⁸ Designa a relação sexual entre os pais, tal como pode ser vista ou fantasiada pela criança, que a interpreta como um ato de violência, ou mesmo de estupro, por parte do pai contra a mãe. A mais extraordinária cena primária da história da psicanálise foi descrita por Freud a propósito do Homem dos Lobos. Elisabeth Roudinesco & Michel Plon, 108.

quando se referia aos atos de sedução sobre crianças realizadas pelos adultos, normalmente parentes, esses que seriam decisivos na formação das neuroses. A cena primária, em alemão *Urszenen*, foi vinculada à ontogênese (os traumas sexuais infantis que desencadeiam neuroses), tinha, pois, para Freud, em 1897, implicações filogenéticas (herdadas historicamente), mas que a ontogênese resumisse a filogênese era para Freud um dogma indiscutível.³⁹

Outra definição para Freud, em 1918, em que cena primária tinha o sentido estrito de coito entre os pais, mas ele retorna à primeira quando se viu induzido por seus confrontos com Jung, o que, segundo Ginzburg, contradizia a afirmação que Freud tinha feito em 1914 no seu texto *História do movimento psicanalítico*, segundo a qual a teoria da sedução seria um erro. A questão que intriga Ginzburg seria o porquê depois de dezessete anos reaparece o termo cena primária.

Mais uma vez não há acaso, para Ginzburg as implicações filogenéticas da cena primária de 1897 apareceram depois das reflexões de Freud sobre as confissões das feiticeiras a respeito do sabá, enquanto a cena primária de 1914 apareceu depois das reflexões sobre o sonho do *Homem dos Lobos*, do qual ressaltou as implicações folclóricas, ligadas às crenças nos lobisomens. Ginzburg, cuidadosamente, expõe:

“Ora, de um ponto de vista histórico, entre estas e o sabá existe uma conexão onde os andarilhos do bem constituem um elo intermediário. Lobisomens e andarilhos do bem podem ser considerados figuras de uma vastíssima e semi-apagada camada de crenças de inspiração xamânica que, sob a pressão dos juízes e inquisidores, confluíram para a imagem do sabá. A existência dessa conexão era desconhecida para Freud; as próprias implicações folclóricas do sonho do homem dos lobos lhe escaparam totalmente.”⁴⁰

Contudo, Ginzburg não deixa de mostrar as razões para o ressurgimento da cena primária a partir da psicanálise:

“Em termos freudianos, a resposta a essa pergunta poderia ser a seguinte: a existência de um núcleo sexual traumático foi *percebida claramente* por Freud em 1897 (a propósito das confissões das feiticeiras) e *sentida obscuramente* em 1914 (a propósito do sonho do homem dos lobos). Em ambos os casos, o valor original, sugerido por Freud pelo prefixo *Ur*, seja ao plano ontogenético, seja ao filogenético.”⁴¹

O retorno à teoria da sedução e à importância da filogenética para Freud foi possível devido aos seus conflitos com Jung. Para Freud, não importava a existência ou não da herança filogenética, mas essa não poderia assumir o papel preponderante na análise terapêutica. Freud dizia que só depois de observar todas as tentativas oferecidas pela ontogênese é que se deveria buscar a filogênese. Ginzburg refuta essa interpretação porque

³⁹ Ginzburg, *Mitos, emblemas, sinais*, 212-213.

⁴⁰ *Ibid.*, 214.

⁴¹ *Ibid.*, 214-215.

ela se apoia a uma hipótese de caráter lamarckiano, absolutamente indemonstrada e porque a individuação do núcleo sexual traumático nas crenças ligadas aos lobisomens traduz-se numa simplificação arbitrária:

“É verdade que Freud postula no ensaio sobre o homem dos lobos, ao lado da “experiência filogenética” enquanto depósito de conteúdos específicos (não muito distantes dos arquétipos junguianos), uma suposta disposição hereditária dos indivíduos a reviver, “em paridade de condições”, acontecimentos verificados em períodos pré-históricos. Mas, também essa disposição é, ainda hoje, uma conjectura inverificável, cujo poder explicativo não difere muito do da *virtus dormitiva* mencionada pelo médico de Molière.”⁴²

Ginzburg aproveita elementos da teoria junguiana dos mitos e assume claramente uma posição de defesa a Jung. Descreve resumidamente ao final de *Freud, o Homem dos Lobos e os Lobisomens* a dissidência entre Freud e Jung, quando este, em 1909, escreve a Freud que estava lendo Heródoto e a obra de Creuzer sobre simbolismo, Freud exulta Jung, mas, segundo Ginzburg, é um aceno que já demonstra em sua raiz uma divergência. Para Freud, a teoria da neurose serve para compreender o mito; para Jung é o inverso.⁴³ Mas, Ginzburg soube também pontuar uma crítica sobre a imprecisão e falta de rigor de Jung, o que fez falir também o seu projeto:

“Os arquétipos identificados por Jung são fruto de uma intuição superficial (e superficialmente etnocêntrica); sua teoria do inconsciente coletivo exacerba o já inaceitável lamarckismo de Freud. As repostas dadas por Jung ao problema do mito constituem, definitivamente, uma grande oportunidade desperdiçada.”⁴⁴

Ginzburg encerra o capítulo e a obra afirmando que o caso *Homem do Lobos* recolocou com clareza a relação entre mitos e neuroses, que tanto envolveu Freud e Jung. Não tenta explicar a neurose do homem dos lobos com o mito dos lobisomens, mas expõe rigorosamente como o sonho do homem dos lobos evidencia conteúdos míticos antigos. Para Ginzburg, Freud não se deu conta do conteúdo mítico diante de meios históricos e identificáveis de modo plausível. E fecha seu texto com a seguinte questão: somos nós que pensamos os mitos ou são os mitos que nos pensam?⁴⁵ E se define pela segunda alternativa proposta por Lévi-Strauss, pois acredita que viver passivamente o mito ou dar-lhe uma interpretação crítica seria o caminho mais viável. Para ele, buscamos sempre interpretar, mas não esgotamos as nossas categorias analíticas. Em *Mitos, Emblemas, Sinais*, expõe que o seu antagonista interno tornou-se mais forte que no passado.

Considerações Finais

Neste texto pretendeu-se apresentar as possibilidades da interface da História com a Psicanálise, relação bastante discutida e que ainda merece maiores estudos e esforços para a compreensão de variados temas tratados pela historiografia contemporânea. Na escrita da

⁴² Ibid., 215.

⁴³ Ibid., 216.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Ibid., 217.

história contemporânea, alguns historiadores e estudiosos, buscam na psicanálise dados para as suas análises sobre um determinado período e tema. Esta busca pode ser percebida neste artigo pelo que foi apresentado sobre a trajetória intelectual de Carlo Ginzburg.

O caso clínico de Freud *O Homem dos Lobos* tornou-se para Carlo Ginzburg o objeto para uma análise crítica da Psicanálise e ao mesmo tempo uma maneira para mostrar a visão e a escrita de Freud na cultura de seu tempo. Freud tinha se influenciado pelo movimento científico de sua época, final do século XIX e tinha a paixão em fazer reconhecer a “seriedade” do modelo acadêmico vienense. “O discurso freudiano é a ficção que retorna à seriedade científica, não só como objeto de análise, mas também como sua forma. A ‘maneira’ do romance torna-se a escrita teórica”.⁴⁶

Carlo Ginzburg, ao discutir as interpretações de Freud sobre *O Homem dos Lobos*, forneceu elementos que permitiram verificar as relações entre Psicanálise e História. A necessidade de evidenciar os aspectos culturais e a relação entre o micro e o macro na avaliação de Ginzburg ao defender sua micro-história permitiram a estas análises demonstrarem seu potencial crítico e consistente ao relacionarem o sujeito a sua realidade e cultura.

A crítica ou a defesa da escrita freudiana tem demonstrado que a aproximação entre a História e a Psicanálise tornou-se um campo fértil de pesquisa aos historiadores. Trabalhar as vicissitudes da história de vida, as dores, o sofrimento, os traumas, as tristezas, as alegrias e as superações enunciados nos registros da clínica psicanalítica revelam não só a construção da subjetividade, mas o momento histórico da cultura em que o sujeito vive. O texto de Ginzburg permite aprofundar criticamente esta relação aos olhos da micro-história.

⁴⁶ Certeau, 95.